

***Diálogo de Creonte e Antígona*, de António Sérgio: uma nova (e inédita) variação sobre o mito de Antígona**

António Sérgio's *Diálogo de Creonte e Antígona*: a new (and unpublished) variation on the myth of Antigone

CARLOS MORAIS¹ (CLLC, Universidade de Aveiro — Portugal)

Abstract: After finishing *Antígona. Drama em três actos*, in 1930, a rewriting of Sophocles' myth which was nothing more than a pamphlet against the military dictatorship, Sérgio would again return to the same subject in order to write an invective against Salazar's dictatorship around 1950. Based on this unpublished text, the author would later publish the *Jornada Sexta do Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações* by the end of 1958, and also intended to publish the *Dialogue of Creon and Antigone* autonomously, probably in 1959.

Keywords: António Sérgio; Sophocles; Antigone; Salazarist dictatorship; democracy; fraternal cooperation.

Revisitando os manuscritos e datiloscritos de António Sérgio, no ano em que se comemorava o cinquentenário da sua morte, descobrimos que o ensaísta tinha a intenção de publicar, provavelmente em 1959, um breve texto intitulado *Diálogo de Creonte e Antígona*, que seria a sua quarta variação sobre o mito de Antígona. Não será, por isso, abusivo se concluirmos que a heroína grega se transformou num *alter ego* do autor durante a sua intensa luta contra a ditadura, que imperou em Portugal durante quase cinco décadas do século passado².

Texto recebido em 30.09.2019 e aceite para publicação em 06.01.2020.

¹ cmorais@ua.pt.

² António Sérgio (1883–1969) foi um grande pensador, pedagogo e polígrafo português da primeira metade do século XX. Durante a I República (1910-1926), exerceu atividade política, assumindo a pasta da Educação no governo de Álvaro de Castro (1923). Com o fim da I República, na sequência do golpe militar de 28 de maio de 1926, foi um forte opositor quer da ditadura militar (1926-1933), integrando a Liga de Defesa da República, quer do Estado Novo, sob a égide de António Oliveira Salazar. Grande defensor do socialismo democrático, durante o longo consulado de Salazar (1933-1968), cujo fim coincidiu praticamente com o ano da sua morte, fez parte do Movimento de Unidade Democrática, fundou a Comissão Promotora do Voto (1953) e apoiou as candidaturas presidenciais de Norton de Matos (1949) e de Humberto Delgado (1958) contra os candidatos propostos pelo regime.

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 22 (2020) 267-285 — ISSN: 0874-5498

De facto, depois de escrever, em 1930, no exílio em Paris, *Antígona. Drama em três actos*³, uma recriação do mito sofocliano que definiria como “estudo social em forma dialogada” (que não era mais do que um texto panfletário contra a ditadura militar, no poder desde 1926)⁴, Sérgio voltaria ao tema, para reescrever, cerca de 1950, uma invetiva contra a ditadura salazarista⁵, com o título *Antígona. Diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática. Segunda edição remodelada*⁶. Conservando o mesmo objetivo político-pedagógico de espicaçar as consciências que progressivamente se deixavam tomar pelo medo, Sérgio dedica esta nova variação do mito “a todos quantos nasceram para serem livres [...] e aos apóstolos que atua[va]m para bem do povo sem buscar as auras da popularidade”⁷. Este renovado diálogo em forma dramática acabaria por ficar inédito, perdendo-se, entretanto, metade da segunda parte do Ato II, ou seja, o *agon* de âmbito ideológico entre Creonte e Hémon, e a quase totalidade do Ato III⁸.

A partir deste texto, o autor, aproveitando as três primeiras cenas do Ato I, publicaria, em finais de 1958, *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações: Jornada Sexta*⁹, a sua terceira variação sobre o mito de Antígona que é também uma invetiva, mas agora contra a fraude nas eleições presidenciais

³ Vide anexo, fig. 1.

⁴ Vide MORAIS (2017a) 113-139.

⁵ António de Oliveira Salazar (1889–1970) foi Ministro das Finanças, entre 1928 e 1932, e Presidente do Conselho, desde 1932 até 1968, período durante o qual dirigiu, de forma ditatorial, os destinos de Portugal. Sobre este assunto, vide MORAIS (2017b) 140-153.

⁶ Datiloescrito existente na Biblioteca António Sérgio, com as cotas AS.07-Cx11-P24_005_1-3; AS.07-Cx11-P25_001_2. Para a datação deste texto, ainda inédito, veja-se MORAIS (2017b) 141. Vide frontispício, em anexo, fig. 2.

⁷ Dedicatória (Biblioteca António Sérgio: AS.07-Cx11-P24_004). Vide anexo, fig. 3.

⁸ Pelo elenco e pelos desenhos dos cenários, encontrados entre os datiloescritos da 2.^a edição, podemos concluir que a sequência dramática da parte final da peça não seria muito diferente da que encontramos na 1.^a edição. De facto, o elenco da edição de 1950 inclui os pastores Corídon e Tíro, que, como na edição de 1930, só devem entrar em cena no Ato III. Além disso, o desenho do cenário, da autoria de Sérgio, reproduz um quadro bucólico, em sintonia com o descrito na didascália do texto de 1930 (p. 85). Sobre este assunto, veja-se MORAIS (2017b) 142-143.

⁹ Vide anexo, fig. 4.

deste ano, que opuseram Américo Thomaz¹⁰, candidato do regime, a Humberto Delgado¹¹, candidato da oposição democrática.

Ainda que muito reduzido, o núcleo dramático deste opúsculo contém a necessária retórica de protesto, resultante do debate entre Isménia, símbolo dos derrotistas e dos que, por causa dos laços familiares, se desviam “do combate pelas ideias e do heroísmo cívico”¹², e sua irmã, a destemida Antígona, que representa todos os que lutam contra o asfixiante totalitarismo do *Estado Novo*¹³.

A este breve *agon* entre as duas irmãs, que repete com ligeiríssimas alterações as cenas iniciais da 2.^a edição, o autor acrescenta um breve prólogo, em que se convida o público a voltar ao passado e a apreciar as suas atuais venturas pelos males da Tebas de outrora¹⁴, e um epílogo exegético em que Sérgio, pela voz do Ouvinte, define Antígona como kantista e cristã, ainda que lhe incuta também um forte pendor político¹⁵.

¹⁰ Américo Deus Rodrigues Thomaz (1894-1987) foi o 13.^o Presidente da República de Portugal (o último do Estado Novo), tendo desempenhado o cargo entre 1958 e 1974.

¹¹ Tendo participado no golpe militar de 28 de maio de 1926 e tendo inicialmente apoiado o regime salazarista, o General Humberto da Siva Delgado (1906-1965) viria a ser o rosto da oposição ao regime ditatorial de Salazar, nas eleições presidenciais de 1958.

¹² SÉRGIO (1958) 29. Cf. SÉRGIO (1950) 4.

¹³ Nome dado ao regime ditatorial que vigorou em Portugal (quase todo ele sob o jugo de António de Oliveira Salazar; *vide supra* n. 5) entre 1933, com a aprovação de uma nova constituição que o sustentou, e 25 de abril de 1974.

¹⁴ Cf. SÉRGIO (1958) 7-8.

¹⁵ Kantista, porque, contra a razão absoluta de Estado, ela proclama não tanto “os direitos da piedade religiosa [e] do amor fraterno”, como a de Sófocles, mas também “os direitos da livre consciência humana, os da lei racional a que se eleva o espírito, eterna e imprescritível” (SÉRGIO (1958) 28). Cristã, porque, segundo o pensamento de Sérgio, o ideal democrático por ela defendido, sendo análogo ao do cristianismo, é a tradução política do Evangelho (Cf. SÉRGIO (1974) 169-183). Mas, convenhamos que, na sua verdadeira essência, ela é política, como reconhece o próprio Sérgio, quando, no prólogo da 2.^a edição, escreve (1950, 3-4): “ante os factos políticos do meu próprio tempo, eu lembrei-me, por meu turno, de que existia Sófocles, e rabisquei este apólogo [...]. Através do artifício de uma antiga história, eis um debate que é de hoje, sobre temas sociais que são de hoje. Mais: em linguagem que é de hoje, com modos de pensar que são de hoje, sem nenhum rebuço ou cautela”. Sobre este assunto, veja-se MORAIS (2017b) 153-159.

Este mesmo processo de construção de texto foi seguido igualmente no desenho do *Diálogo de Creonte e Antígona*¹⁶, a quarta variação do mito de Antígona, que António Sérgio, como se pode deduzir pelo datiloescrito existente no espólio da Biblioteca com o seu nome (AS.07-Cx11-P25/001_1.^a parte_1-2), tencionava publicar, mas que nunca viria a concretizar. Duas hipóteses se podem aventar para que não o tivesse feito: a não eleição, em 1958, de Humberto Delgado, o candidato da oposição, em cuja campanha se empenhou profundamente, na esperança de que a ditadura, mais de trinta anos depois, chegasse ao seu fim, e a morte de sua mulher, pouco tempo depois, no início de 1960. Foram dois rudes golpes que o levaram a afastar-se da vida cívica ativa, cansado dos sucessivos fracassos da sua luta contra a ditadura. Como referem BARROS & COSTA (1983) 33-34, a última década da sua vida, foi passada “recolhido em casa, à estranha conclusão de que a sua obra falhara [e] resultara estéril”¹⁷.

O diálogo, com muitas emendas e acrescentos relativamente à edição de 1950, tem por base as cenas III e IV do Ato II, aglutinadas numa cena única¹⁸ com 146 intervenções¹⁹. Este núcleo central encerra com uma *coda* manuscrita de quatro páginas assinada pelo autor (94A-94D)²⁰, que lhe confere unidade e lhe permite uma existência autónoma, e é precedido de uma nova e mais extensa didascália também manuscrita²¹, com referências aos antecedentes da ação que ajudam a contextualizar o confronto inflamado entre Creonte e Antígona, convertida em *alter ego* de António Sérgio: a morte de Etéocles e de Polinices “em combate durante uma revolta dos democratas contra a tirania de Creonte, pelejando aquele primeiro entre os partidários do tirano, e nas hostes dos insurretos aquele segundo”; e a ordem de Creonte

¹⁶ Vide início manuscrito do *Diálogo*, em anexo, fig. 5.

¹⁷ Vide QUEIROGA (2019) 44.

¹⁸ Vide anexo, fig. 6.

¹⁹ As duas cenas do datiloescrito de 1950 (pp. 63-94), que estão na base deste *Diálogo*, têm 146 falas (11+135). As cenas correspondentes da edição de 1930 apresentavam apenas 31 intervenções (10+21).

²⁰ Vide anexo, fig. 7.

²¹ Vide anexo, fig. 5.

para que Polinices fosse “abandonado aos corvos, com proibição rigorosíssima de se lhe prestarem honras”²².

No mesmo conjunto de folhas em que se encontra este diálogo (AS.07-Cx11-P25/001_1.^aparte_1), existem quatro páginas manuscritas com apontamentos soltos, que o autor provavelmente pretendia incluir no início do diálogo como epígrafes, tal como havia feito nas edições de 1930 e de 1950. Além da advertência de que “os factos e acontecimentos que figuram ou a que se faz referência são verdadeiros, não são reais nem imaginários” e da afirmação de que o objetivo do diálogo era o de inquietar as almas de quem o lesse²³, um desses apontamentos é extraído da *Lenda de S. Cristóvão*, de Eça de Queirós²⁴, o santo que, para Sérgio, “foi paladino da revolução social que comanda os pobres na sublevação contra os ricos [...], o Santo revolucionário conduzido ao céu pela mão do revolucionário que se chamou Jesus”²⁵. Assim, o haviam sido também Antígona e seu irmão Polinices, radicalmente revolucionário pelo Amor, pela paz interior, pela luz do Espírito, como demonstra este *Diálogo*, inspirado na *Antígona* de Sófocles, mas convertido em alegoria de um Portugal submerso numa já longa ditadura de mais de três décadas.

À acusação de Creonte de que Polinices era “um louco iluminado”, que comandou “um punhado de desordeiros [...], uma rédua de tolos, de idealistas”²⁶, Antígona riposta, afirmando que via o irmão como um ser “luminoso”, sincero, verdadeiro e límpido, que trazia luz às trevas em que viviam, considerando-o, assim, “uma mente universal, toda aberta a tudo, [que] foi contra todas as violências, de onde quer que viessem, contra toda a mentira, sectarismo, dissimulação, estreitez”²⁷. Não alinhando no dogmatismo dos

²² SÉRGIO (1959?) 62.

²³ Escreve o nosso autor num desses apontamentos: “Não me compete a mim contar com os resultados nas peças, mas com as agonias nas almas!”.

²⁴ Vide anexo, fig. 8.

²⁵ SÉRGIO (1971) 113-114. Sobre este passo, SIQUEIRA (2013) 195 afirma que “a narrativa relativiza espaço e tempo, tornando-a atemporal, porque este deve ser o ideal do santo moderno. Este sonho, na verdade, delinea as preocupações sociais da obra de Eça de Queirós, do idealismo da Geração de 70 em busca da justiça e dos direitos que os detentores do poder político e económico negam ao homem”.

²⁶ SÉRGIO (1959?) 68.

²⁷ SÉRGIO (1959?) 68.

opositores do regime mais extremistas, ele ambicionava congregar todos os homens livres em torno de uma ação comum contra a ditadura, como nos diz Antígona, com palavras que traduzem o pensamento de Sérgio, expresso em muitos dos seus escritos²⁸:

ANTÍGONA – Polinices [...] era ágil e livre, [...] era uma revelação individual do universal e do eterno, que buscava a unidade dentro do seu próprio espírito, como a procurava também na estruturação do Mundo. [...] O seu Amor, o seu Deus eram racionais, eram Espírito. Amando a juventude – e tendo ele próprio alma jovem – sonhava em reunir numa ação comum os que nasceram com dotes para homens livres, embora provenientes de orientações diversas: e isso para que criassem uma organização social que desprendesse a todos das aflições terrenas, substituindo a luta pela cooperação fraterna.

Símbolo do antifascismo, da aspiração à liberdade, do revolucionismo social, tal como Antígona, ele sonhava “com o ser o construtor de [uma] sociedade justa” e “com o dar ao povo os instrumentos para que a construísse ele próprio, para assim se libertar a si mesmo”²⁹ de uma ditadura atroz, assente no sistema de governo da plutocracia e do clero.

Chefiada pelo Sumo Sacerdote da religião ‘ceréfila’, ou seja pelo Cardeal Cerejeira³⁰, a religião que suportava a ditadura, na perspetiva de Antígona (que era a de Sérgio), era materialista e não cuidava do Divino, servia os interesses dos ricos e do Estado e servia-se da ignorância e do atraso mental do povo para o manipular e o manter subjugado. Para isso, muito contribuía a promoção do fenómeno de “Fátiras” (a forma como Sérgio, na peça, designa Fátima) e das “materialidades do [seu] culto”³¹. Referido de forma

²⁸ SÉRGIO (1959?) 68.

²⁹ SÉRGIO (1959?) 69. Para Antígona, ou seja, para Sérgio, justo é o que “subiu ao Espírito [...], o que encara os outros como quem subiu ao Espírito. O que incita os demais a subir a esse nível”. E acrescenta ainda: “ser justo, ser espiritual, ser livre, é superar o irracional que dentro de nós encontramos — pelo esto racionalizante, que também se acha em nós mesmos” (SÉRGIO (1959?) 81).

³⁰ Manuel Gonçalves Cerejeira (1888–1977), amigo de Salazar e apoiante das suas políticas, foi o Patriarca que dirigiu a Igreja Católica Portuguesa durante quase toda a ditadura (1929–1971), sendo um dos responsáveis pela assinatura da Concordata entre a Santa Sé e Portugal, em 1940.

³¹ SÉRGIO (1959?) 73.

paródica, este espaço religioso simboliza a comunhão de interesses entre o Estado e a Igreja, como deixam perceber estas palavras da filha de Édipo³²:

ANTÍGONA – A acreditar [nos milagres], Creonte... só naqueles que se passam nas consciências dos homens, no seu interior. Naqueles que consistem em espiritualizações das almas. Quanto aos outros... queres que te diga?... parecem-me sortes de prestidigitação pueris, como o do sol em Fátiras a girar à doida, qual roda de um carro [...]. Tristes superstições e materializações mesquinhas, a que se agarra a boçalidade das multidões ineptas! Superstições que cultivas, porque te convém cultivá-las!

Na linha de alguns poucos sacerdotes espirituais e puros, que divergiam das orientações da hierarquia da Igreja Católica, a heroína contrapunha uma “religião mais alta, mais pura... uma mística racional, toda humana”³³ ao serviço dos pobres e não dos plutocratas, que tudo impunham e comandavam e que tinham como símbolo máximo o banqueiro Psiquítrato³⁴, amigo de Ceréfilo, ou seja, Salazar³⁵ – “esse plebeu, esse pobre, que se pôs a servir os ricos... e que tem por si o ricoço, o ladravaz, o ganhão”³⁶.

Tal como virá a fazer Salvador Espriu, que nos traça o retrato de Franco, na reformulação da sua *Antígona*, editada em 1963³⁷, também António

³² SÉRGIO (1959?) 72-73. Nesta intervenção, Antígona, dando voz ao autor, alude às aparições de Nossa Senhora aos três pastorinhos (Francisco Marto, Jacinta e Lúcia), na Cova da Iria, em Fátima (aqui designada “Fátiras”), que ocorreram nos dias 13 dos meses de maio a outubro de 1917. No último dia das aparições (13 de outubro de 1917), milhares de fiéis, segundo relatos da época, presenciaram o chamado “milagre do sol”, aqui referido de forma jocosa. Sobre este assunto, veja-se MORAIS (2017b) 148-149.

³³ SÉRGIO (1959?) 74.

³⁴ Ricardo Espírito Santo (1900–1955) foi o fundador do Banco Espírito Santo & Comercial de Lisboa e um grande amigo de Salazar, aqui ocultado pela máscara de Ceréfilo.

³⁵ Ceréfilo significa, na nossa interpretação, ‘o que gosta de Ceres, deusa da agricultura e das colheitas’. À semelhança da deusa que empresta o seu nome à formação deste híbrido, também a álgida figura que se oculta por detrás dele (i.e. Salazar) é, entre os seus opositores, o campónio tacanho, que impiedosamente colhe os tributos do povo, com o objetivo de a todo o custo conseguir obter o saldo nas contas públicas de Tebas, sendo incapaz de apreciar a dignidade do espírito, o amor da verdade e da justiça e os princípios da liberdade e da democracia. Vide MORAIS (2017b) 151. Sobre Salazar, vide *supra*, n. 5.

³⁶ SÉRGIO (1959?) 78.

³⁷ ESPRIU (1965) 35, dando voz à personagem El Lúcido Consejero, retrata Franco com estas palavras: “No es difícil convivir en Tebas, es imposible. Creonte lo sabe como tú y yo lo sabemos, pero, claro está, nunca habrá de confesarlo. Míralo bien: obeso, nada

Sérgio, na *coda* manuscrita deste *Diálogo*, nos oferece, pela boca de Antígona, um perfil de Salazar, o ditador incapaz de apreciar a dignidade do espírito e que se compraz no exercício do mando, na imposição da ordem³⁸:

ANTÍGONA – Com a sua alma tacanha de cultivador de aparências, de calculador astucioso, é incapaz de apreciar a dignidade do espírito, a profundez da consciência, o largo voo idealista, o amor da verdade, da sinceridade e da luz. Sem humanidade e sem chama, delicia-se à grande na concupiscência do mando, e para poder deliciar-se na concupiscência do mando consente e encobre todas as malversações dos seus homens. A podridão mascarada é o seu ideal de política.

À ordem imposta pela força, pela adoração do passado, por parte de Ceréfilo e de Creonte, contrapõe Antígona uma ordem moral, mais sincera, que resulte do progresso e seja o suporte de uma sociedade nova, virada para o futuro e criada “com audácia inventiva, com inventivo amor”³⁹ para o bem do povo.

Face à irredutibilidade de posições, Creonte, contrariamente ao que acontecia no arquétipo sofocliano, propõe à sua sobrinha um pacto de paz⁴⁰:

CREONTE – Não! Impossível! Não nos entendemos!... Olha: quero oferecer-te a paz. Deixo-te com a liberdade se me prometeres ter juízo. Encho-te de honrarias. Concedo-te o que tu quiseres. Aceitas?

Antígona, porém, fiel aos seus princípios, recusa e não se deixa corromper. Para ela, acima dos decretos do tirano estavam as “leis não escritas da consciência, universais e imutáveis”⁴¹. Tal atitude, coerente e consentânea com o modelo sofocliano, obriga Creonte a exercer a autoridade para impor a sua ordem⁴²:

atractivo, com esos ojos de mirada fija y glacial como de serpiente. [...] Mientras viva, es probable que nos mantengamos en paz, porque está dispuesto a aplastar sin contemplaciones a todo aquel que se le oponga. Pero casi es un viejo y sus hijos y seguidores no valen nada. En Tebas, Creonte no puede instituir perpetuamente a Creonte. Cuántos años vivirá, veinte, tal vez treinta? Sí no se lo lleva mucho antes una muerte violenta”.

³⁸ SÉRGIO (1959?) 94B-94C. Vide MORAIS (2012) 324-327.

³⁹ SÉRGIO (1959?) 90.

⁴⁰ SÉRGIO (1959?) 94B.

⁴¹ SÉRGIO (1959?) 66.

⁴² SÉRGIO (1959?) 94D.

CREONTE – *Ofereci-te a paz: recusaste. Coube-me a mim o ser chefe. Saberei sê-lo, por Díónisos!*

Desafiadora, como sempre, Antígona deixa no ar uma pergunta seca, mas carregada de esperança, com que termina este breve *Diálogo*⁴³:

ANTÍGONA – *Até quando, Creonte?*

Tal como na edição de 1930, que terminava com uma mensagem de esperança num futuro melhor, traduzido no estabelecimento, no final do Ato III, de uma democracia magnânima, tolerante e liberal, inspirada na “santidade de Antígona” e dedicada a “Palas, a persuasiva, deusa da luz e da liberdade”⁴⁴, o autor encerra esta sua quarta variação sobre o mito de Antígona, que ficaria inédita, com a expectativa de que um dia a ditadura acabaria por claudicar. Não viveu António Sérgio anos suficientes para assistir ao tão desejado fim do Estado Novo, que só aconteceria cinco anos depois da sua morte, no dia 25 de abril de 1974.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, H. & COSTA, F. F. (1983), *António Sérgio: uma nobre utopia*. Lisboa, Edições O Jornal.
- ESPRIU, S. (1965), “*Antígona* (2.^a versión – 1963)”: *Primer Acto* 60 (1965) 27-37.
- MORAIS, C. (2012), “Mito e política: variações sobre o tema de *Antígona* nas recriações de António Sérgio e de Salvador Espriu”: A. LÓPEZ, A. POCIÑA & M. F. SILVA (Coords.), *De ayer a hoy: influencias clásicas en la literatura*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 319-330.
- MORAIS, C. (2017a), “António Sérgio’s *Antígona*: a “social study in dialog form””: C. MORAIS, L. HARDWICK & M. F. SILVA (Eds.), *Portrayals of Antigone in Portugal. 20th and 21st Century Rewritings of the Antigone Myth*. Leiden, Brill, 113-139.
- MORAIS, C. (2017b), “António Sérgio’s *Antigone* Revisited: Two Invectives against Salazar Dictatorship””: C. MORAIS, L. HARDWICK & M. F. SILVA (Eds.), *Portrayals of Antigone in Portugal. 20th and 21st Century Rewritings of the Antigone Myth*. Leiden, Brill, 140-159.

⁴³ SÉRGIO (1959?) 94D.

⁴⁴ SÉRGIO (1930) 122-123. Sobre este assunto, veja-se MORAIS (2017a) 136-139.

- QUEIROGA, S. (2019), *À Procura de António Sérgio. Ensaio Cronológico através de documentação bibliográfica e arquivística*. Lisboa, Casa António Sérgio.
- SÉRGIO, A. (1930), *Antígona. Drama em três actos*. Porto, República.
- SÉRGIO, A. (1950), *Antígona. Diálogo histórico-filosófico-político em forma dramática. Segunda edição remodelada* (inédita; Biblioteca António Sérgio, AS.07-Cx11-P24_005_1-3; AS.07-Cx11-P25_001_2).
- SÉRGIO, A. (1958), *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações. Jornada Sexta*. Lisboa, Inquérito.
- SÉRGIO, A. (1959?), *Diálogo de Creonte e Antígona* (inédito; Biblioteca António Sérgio, AS.07-Cx11-P25/001_1.^a parte_1-2)
- SÉRGIO, A. (1971), *Obras Completas. Ensaíos. Tomo VI*. Lisboa, Clássicos Sá da Costa.
- SÉRGIO, A. (1974), *Obras Completas. Ensaíos. Tomo VII*. Lisboa, Clássicos Sá da Costa.
- SÉRGIO, A. (2009), *Antigone* (traduzione e note a cura di Corrado Cuccoro. Saggio introduttivo di Maria Pia Pattoni). Milano, PubliCatt.
- SIQUEIRA, A. M. A. (2013), “A Hagiografia por Eça de Queirós: religiosidade e revolução”: *Notandum* 32 (2013) 183-197.

ANEXO

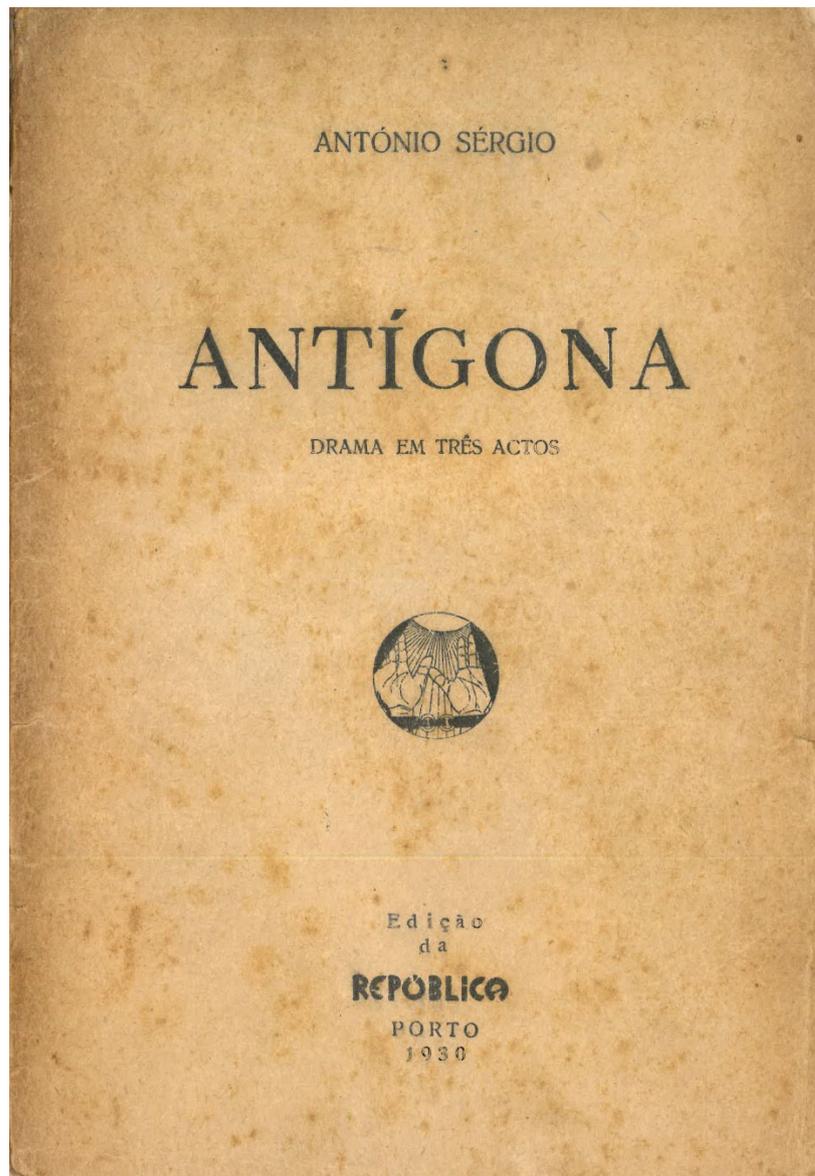


Fig. 1: Capa de *Antígona* (1.^a edição)

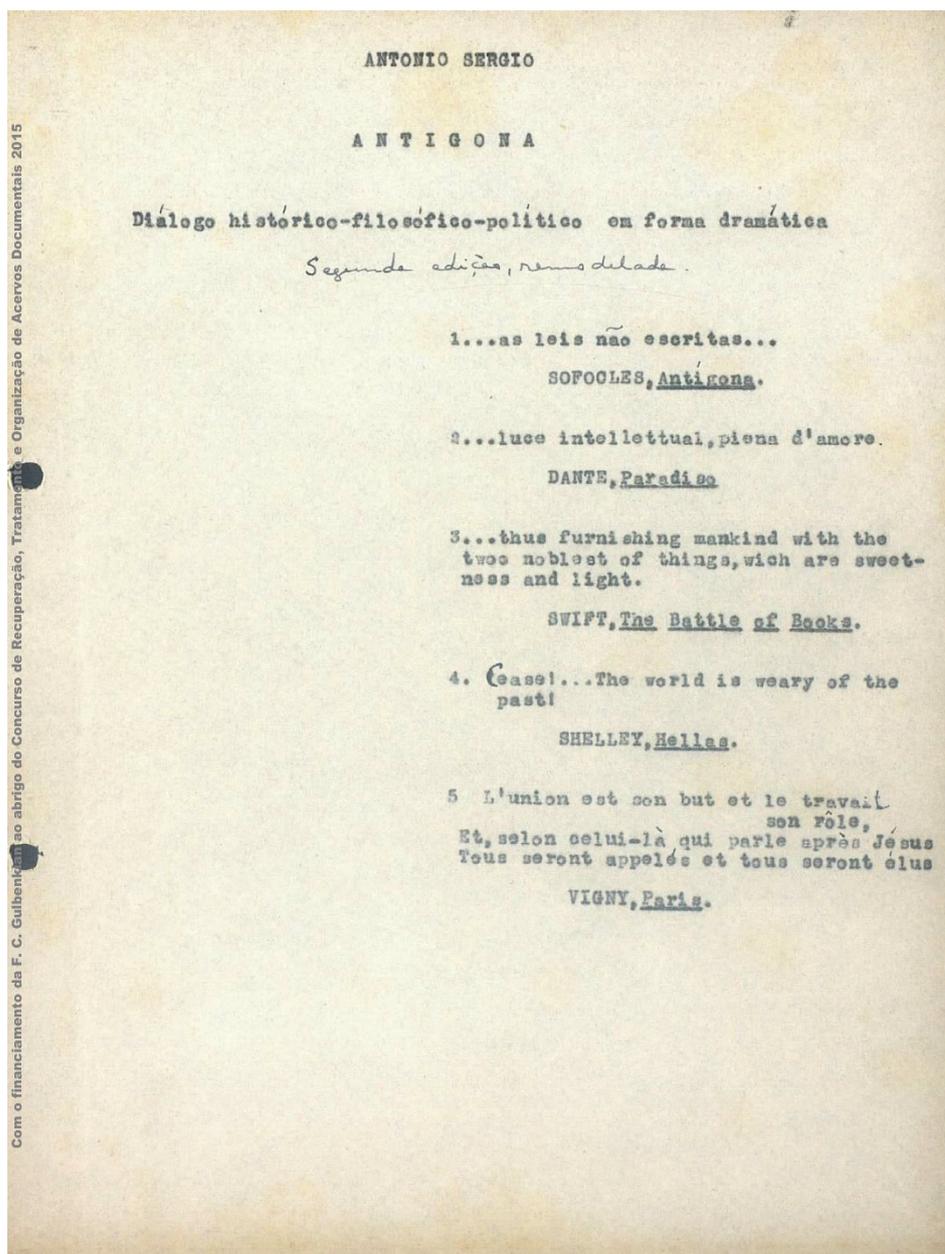


Fig. 2: Frontispício de *Antígona* (2.^a edição, remodelada, inédita)

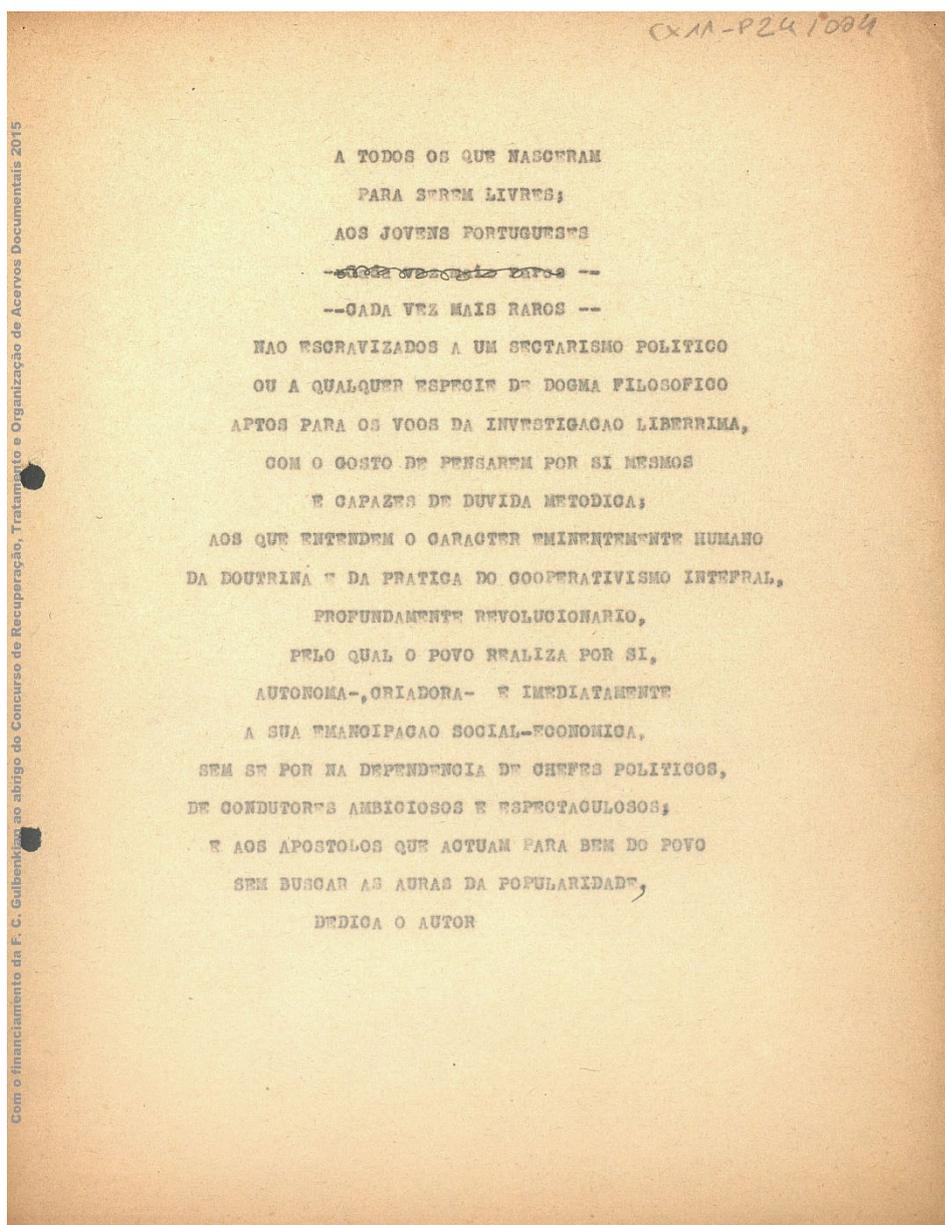


Fig. 3: Dedicatória (2.^a edição de *Antígona*)



Fig. 4: Capa de *Pátio das Comédias, das palestras e das pregações. Jornada Sexta* (3.^a variação sobre o mito de Antígona)

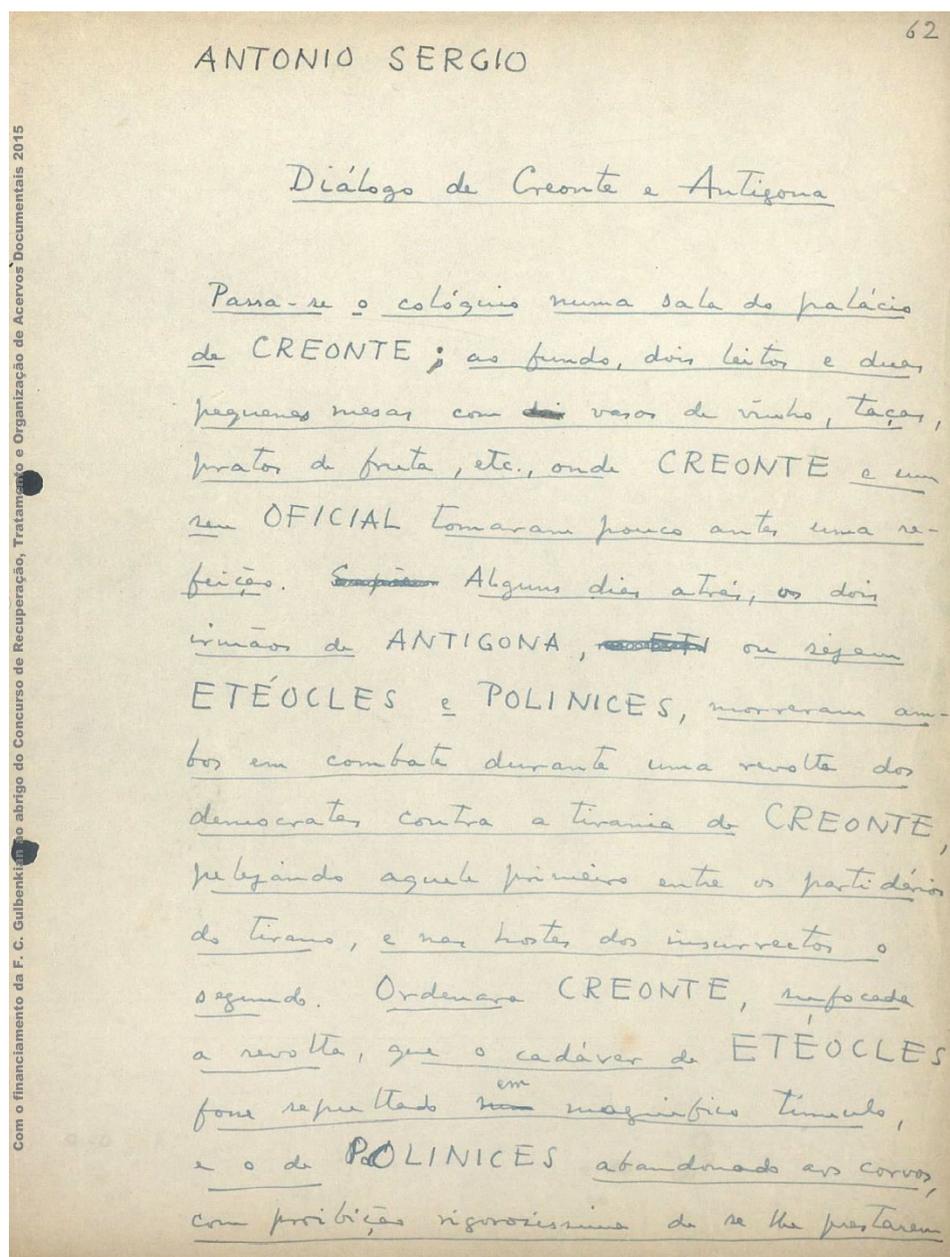


Fig. 5: Diálogo de Creonte e Antígona (frontispício)

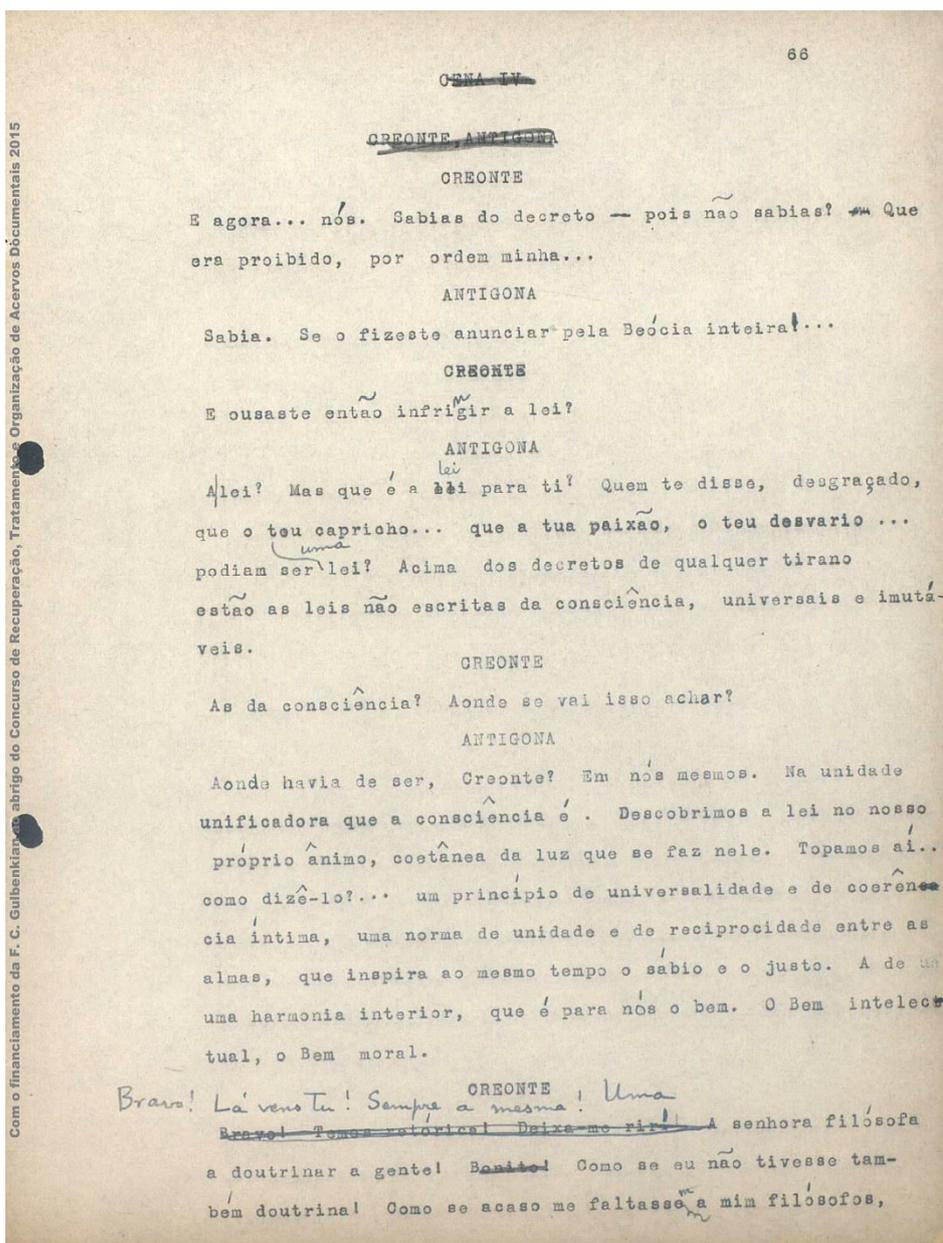


Fig. 6: Eliminação da separação entre as cenas III e IV da 2.^a edição

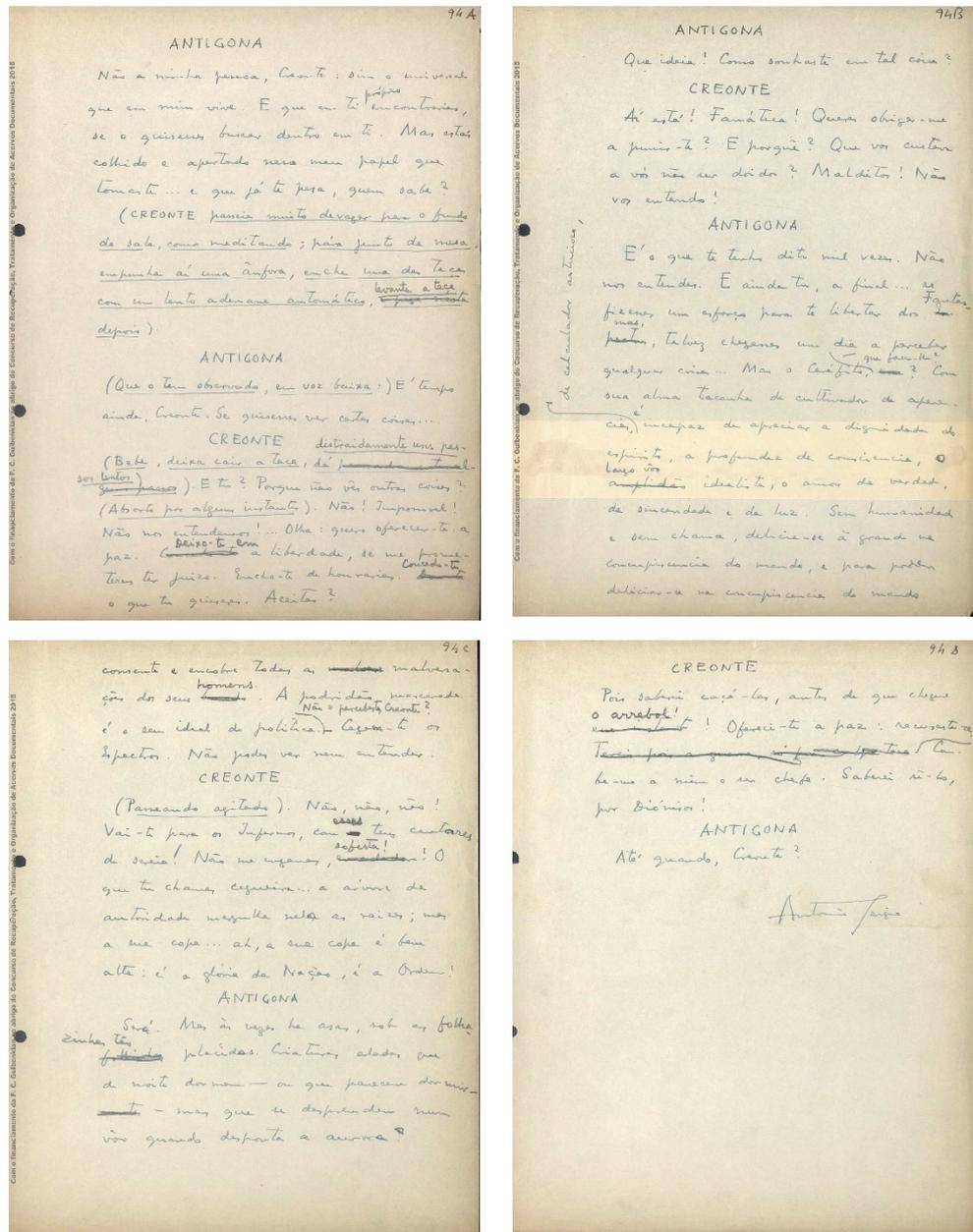


Fig. 7: Coda do Diálogo de Creonte e Antígona com a assinatura do autor (94A-94D)

à do que se mantiveram "pobres de esperto",
 que dizer:
 à do que se nos deixaram contaminar
 pela própria cupididade burguesa
 da sociedade burguesa que combatia

Não me compete a mim cantar em
 ventos no furo, mas com as agônias, os
 almas!

Luz, sim, mas Luz do Espírito! Ah, Políticos!
~~— poder, a de encontrar-la e nós!~~
 e no bom poder encontrar-la e nós!
 a perder a luz a decompor de
 um cativo, a contrair viciada
 esse decompor necessário!

E sobre a terra só ficavam Jacques, que
 cantavam em triunfo na busca de verdade
 clara.

Luz de Queirós, S. Cristóvão

Fig. 8: Apontamentos com a citação de Eça de Queirós, S. Cristóvão

Resumo: Depois de escrever, em 1930, *Antígona. Drama em três actos*, uma recriação do mito sofocliano que não era mais do que um texto panfletário contra a ditadura militar, Sérgio voltaria ao tema, para reescrever, cerca de 1950, uma invetiva contra a ditadura salazarista. A partir deste texto inédito, o autor publicaria, em finais de 1958, *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações: Jornada Sexta* e também tinha a intenção de publicar de forma autónoma o *Diálogo de Creonte e Antígona*, provavelmente em 1959.

Palavras-chave: António Sérgio, Sófocles, Antígona, salazarismo, democracia, cooperação fraterna.

Resumen: Después de escribir, en 1930, *Antígona. Drama em três actos*, una recreación del mito sofocleo que no era más que un texto panfletario contra la dictadura militar, Sérgio volvería al tema, para reescribir, alrededor de 1950, una invectiva contra la dictadura salazarista. A partir de este texto inédito, el autor publicaría, a fines de 1958, *Pátio das Comédias, das Palestras e das Pregações: Jornada Sexta* y también tenía la intención de publicar de forma autónoma el *Diálogo de Creonte e Antígona*, probablemente en 1959.

Palabras clave: António Sérgio, Sófocles, Antígona, salazarismo, democracia, cooperación fraterna.

Résumé : En 1930, Sérgio publie son *Antigona. Drama em três actos*, une récréation du mythe de Sophocle qui n'est, en fait, qu'un texte pamphlétaire contre la dictature militaire, et, vers 1950, il revient au thème avec une invective contre la dictature salazariste. En partant de ce texte inédit, l'auteur publie, à la fin de 1958, la *Jornada Sexta do Pátio das Comédias, das Palestra e das Pregações*, dans l'intention de publier, très certainement en 1959, de façon autonome le «Diálogo de Creonte e Antígona».

Mots-clés : António Sérgio ; Sophocle ; Antigone ; salazarisme ; démocratie ; coopération fraternelle.